

#31

rabiscoerabisco.com.br

RABISCO

15 a 28 de março de 2004

Equipe | Edições Anteriores

## UM JORNALISTA INDEPENDENTE

Juca Kfouri fala com autonomia rara sobre a invasão da publicidade no jornalismo esportivo e o atual futebol brasileiro, dentro e fora de campo

## MÚSICA &amp; MÁGICA

Artimanhas de uma gravadora não fazem falta à banda Houdini, que já é dona do que mais importa: ouvintes fiéis

## LITERATURA NA VEIA

A equipe do fanzine *Espírito Fixado* abre as portas virtuais para o Rabisco e conta um pouco da sua história

## ÓCULOS DE CEBOLA

Conhecido pelo hino pacifista "Imagine", John Lennon também tinha arroubos de escritor

## ÉPICO GELADO

Astros tentam injetar emoção no mais novo épico com cara de Oscar do diretor Anthony Minghella

## MINA FIRMEZA

Desfile de moda na Cadeia Feminina de Indaiatuba marca lançamento do forte e doce livro que acompanha o cotidiano das reeducandas

## ENTRE O GUETO E A COMUNIDADE

Inocentemente, *Barbershop* acerta uma martelada num ponto nevrálgico da sociedade negra dos EUA

## TIM BURTON E SUAS LOROTAS MARAVILHOSAS

*Peixe Grande* une emoção e fantasia para mostrar a tênue linha entre realidade e ilusão

## A MESMA COISA, SÓ QUE DIFERENTE

O Habitante das Falhas Subterrâneas finalmente traz a angústia adolescente de Holden Caulfield e Matias Viciña para o Brasil

**#59:** "Dar pinta": alvo de preconceito mesmo entre gays, é também o exercício de liberdade de quem ganhou o privilégio de não ter mais nada a perder

**#37:** Um modesto texto sobre a contribuição do sociólogo Florestan Fernandes para o estudo da sociedade brasileira

**#27:** O historiador Décio Freitas deixou grandes livros e milhares de leitores inconsoláveis

**#9:** As reminiscências de um velho professor de História, um apaixonado sozinho, ou um ex-revolucionário desacreditado da vida

Busca

 **OK**

Picosearch

## TIM BURTON E SUAS LOROTAS MARAVILHOSAS

*Peixe Grande* une emoção e fantasia para mostrar a tênue linha entre realidade e ilusão

por Fábio Freire (fabio\_fcosta@hotmail.com)

**C**on quanto eu assistia ao novo longa de Tim Burton, *Peixe Grande*, algo me incomodava. Aliás, os filmes do diretor sempre me incomodam. Apesar de Burton possuir uma imensa criatividade visual, criando obras com um apurado senso estético, considero-o um diretor incompleto, apesar de (quase) sempre autoral. Seus filmes são ora frios (*Batman - O Retorno*), ora esquemáticos (*A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça e Marte Ataca!*) ou completamente burocráticos (o fiasco *Planeta dos Macacos*). Falta a Burton injetar um pouco de emoção a suas produções. Talvez as exceções sejam o lírico *Edward Mãos de Tesoura* e a homenagem explícita ao "pior diretor de todos os tempos", *Ed Wood*. Um misto de drama e comédia, *Peixe Grande* também sofre do mesmo mal dos trabalhos anteriores de Burton, mas ainda assim é um de seus melhores filmes.



*Peixe Grande* une emoção e fantasia para mostrar a tênue linha entre realidade e ilusão



*Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* (subtítulo idiota) narra a história de Ed Bloom (Albert Finney e Ewan McGregor), um contador de lorotas que sempre aumenta seus causos. O filme começa quando seu filho Will (Billy Crudup) rompe com o pai por nunca acreditar nessas histórias. Depois de alguns anos, Will tem que voltar à sua

cidade natal e ao reencontro do pai, que está a beira da morte. É com uma trama simples, muito parecida com a do franco-canadense *As Invasões Bárbaras*, que Tim Burton divide sua bela fábula em duas linhas narrativas: uma no presente, em que Will tenta descobrir a verdade sobre as histórias do pai, e outra no passado, em que o espectador poderá se encantar com o encontro de Ed Bloom com bruxas, lobisomens, gigantes, irmãs siamesas e até o grande amor de sua vida, Sandra Bloom (Jessica Lange e Alison Lohman, realmente muito parecidas, mas mal aproveitadas).

Inicialmente, o filme acaba causando um certo estranhamento. *Peixe Grande* é uma explosão de cores, com uma fotografia competente e uma trilha sonora mais emotiva do colaborador habitual de Burton, Danny Elfman. A produção passa longe do clima lúgubre e sombrio que sempre vemos nos trabalhos do cineasta. Mas ainda assim é possível apontar várias características peculiares às suas obras, como as personagens

excêntricas, mas tratadas com todo respeito e carinho, e um certo paralelo entre a figura principal e o próprio diretor. Um estranho tentando se adaptar à sociedade (*Edward Mãos de Tesoura*); um diretor desacreditado lutando para fazer seus filmes (*Ed Wood*); um contador de histórias que mescla realidade e ilusão para fascinar a audiência (*Peixe Grande*): todos eles representam um pouco Tim Burton, quase como um Woody Allen *dark*.

E é quando o diretor deixa de se preocupar com as histórias excêntricas de Ed, que pululam na tela sem muito critério, e passa a se preocupar com as personagens é que *Peixe Grande* mostra a que veio. O filme ganha pontos, abandona um pouco o tom impessoal e passa a transbordar emoções, criando uma empatia direta com o público. O final do longa é de uma beleza pungente, misturando realidade e ilusão e mostrando que todos nós

temos um pouco de Ed Bloom. Atire a primeira pedra quem nunca floreou uma história para ela parecer mais emocionante do que realmente era.

Apoiado em um bom elenco principal, com destaque para a carismática atuação de Albert Finney, e vários nomes conhecidos em pequenos papéis (Danny DeVito, Steve Buscemi, Helena Boham-Carter), Burton comete alguns deslizes (várias vezes a direção é redundante e didática). Mas *Peixe Grande* se sobressai como um belo filme que cativa por misturar de forma primorosa a realidade e a ficção, a imaginação e o relato direto, sem rodeios. Mesmo que, inicialmente, de forma meio fria, tipicamente “burtoniana”.

